

A SEITA DO FERRABRAZ

**CALDEIRA OPERADA POR:
PAULO FODRA**

*Conto publicado originalmente
na antologia "Deux Ex Machina -
Anjos e Demônios da Era do Vapor"*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

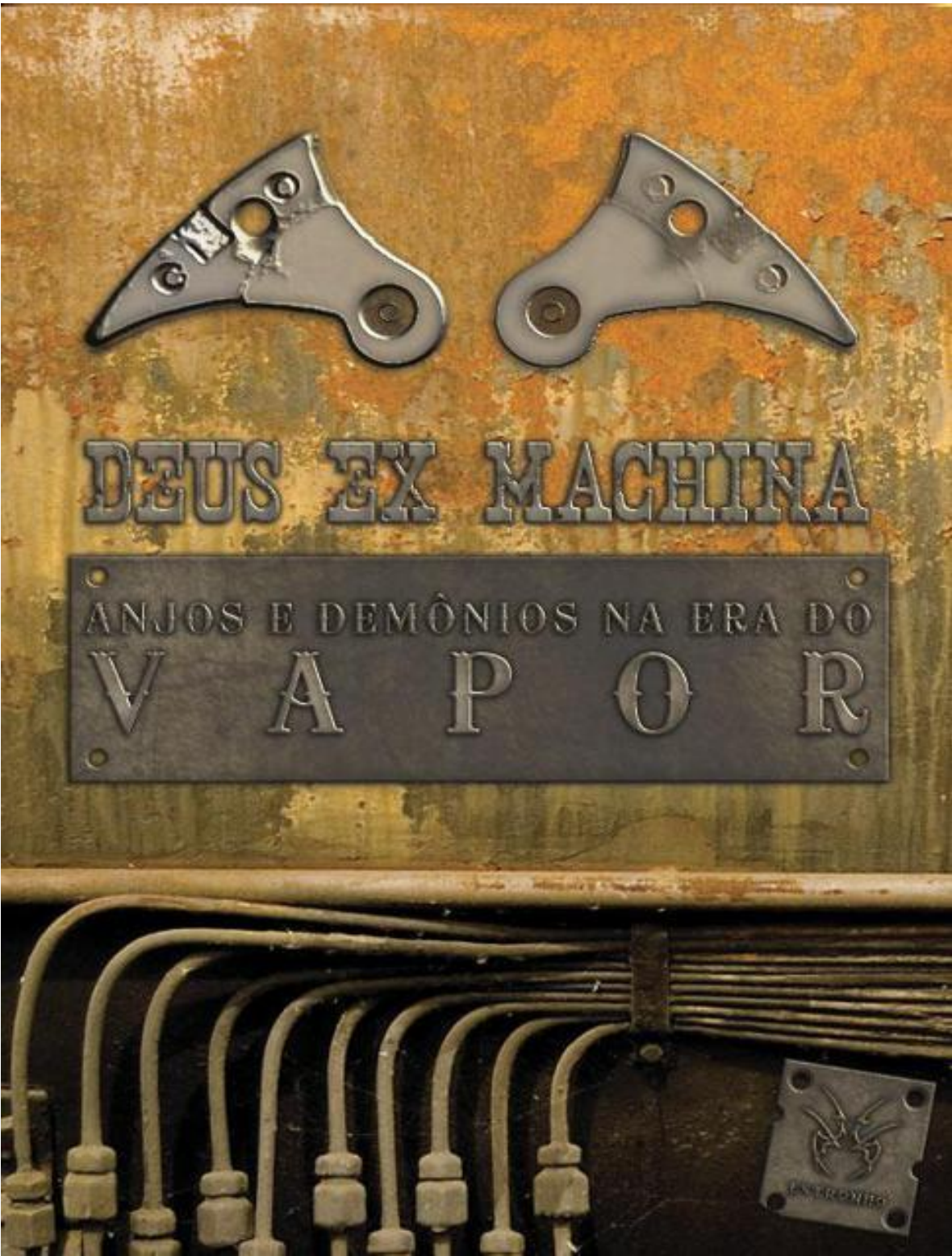
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



DEUS EX MACHINA

ANJOS E DEMÔNIOS NA ERA DO
VAPOR



Créditos

Copyright 2013 Editora Estronho

Ilustração da capa: Mdorotty

Capa e diagramação: Marcelo Amado

Revisão: Celly Borges

Editor responsável: Marcelo Amado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Seita do Ferrabraz, A /

1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Estronho, 2013.

Fodra, Paulo.

1. Contos brasileiros - Coletâneas I. Fodra, Paulo. 869.93

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Estronho Ltda

Belo Horizonte - Minas Gerais

Página Oficial: www.editora.estrinho.com.br

Facebook: www.facebook.com/estronhobook

Twitter: @estronho.



CALDEIRA 02:
PAULO FODRA
"A SEITA DO FERRABRAZ"

"O primeiro anjo tocou a trombeta; formou-se uma chuva de granizo e fogo, de mistura com sangue, que foi atirada sobre a terra, e foi abrasada a terça parte da terra, e foi queimada a terça parte das árvores e toda a erva verde."

Apocalipse 8, 7

QUANDO EU ERA CRIANÇA, minha mãe me obrigava a ficar no templo após o culto para ouvir o pastor explicar aos fiéis algumas passagens bíblicas. Confesso que pouco me recordo daquelas tediosas preleções, pois meu olhar inquieto quase sempre se perdia pelas janelas afora, adejando entre devaneios e preocupações típicas da infância.

Certo dia, porém, a voz potente do Reverendo Haesbaert elevou-se mais inflamada do que de costume, derrubando-me do alto dos meus pensamentos para encará-lo, assustado. *Vigiai e orai! Porque não sabeis quando chegará o tempo!* Suas palavras eloquentes vibravam nas paredes da capela como se tivessem saído das trombetas que derrubaram as muralhas de Jericó. Proclamavam que, no fim dos tempos, o céu se abriria e os anjos desceriam à Terra em busca dos homens. Os justos seriam, então, conduzidos pela mão aos Jardins do Éden, onde a Morte não tinha qualquer poder. Não haveria mais fome nem doenças. Todos viveriam para sempre ao lado do Criador, desfrutando de um pródigo banquete. Os ímpios, por sua vez, seriam lançados na Escuridão Eterna, um abismo infinito repleto de demônios, onde só havia choro, ranger de dentes e o desejo inatingível de findar o sofrimento com a morte.

Naquela noite, sonhei que estava sendo julgado diante do Trono de Deus. Eu queria contemplar-lhe a face luminosa, porém era como olhar direto para o sol. Minha sentença ecoou pelos salões do céu e

eu caí. Meu corpo parecia voar, pois o chão nunca chegava. À minha volta, milhares de vozes sobrepunham-se em uma cacofonia de gritos e lamentos que se intensificava a cada instante. O calor era insuportável. Braços putrefatos agitavam-se nas sombras, entrelaçados, tentando me alcançar. Então o Diabo emergiu das trevas abaixo de mim, encarando-me com o olhar flamejante. Seu rosto, desfigurado pelo ódio, pouco lembrava o de um homem. Ele abriu suas asas arruinadas no vazio e lançou-se sobre mim. Gritei, lutando em vão para libertar-me de suas garras. Meus olhos se abriram e demorei a reconhecer as feições de minha mãe. Sentada na beirada da cama, ela sacudia-me para que eu despertasse.

Contei a ela meu pesadelo e o seu rosto vincado abriu-se em um sorriso tranquilo. Afagando-me os cabelos, disse que um rapaz bom como eu não deveria temer o fim do mundo. Aconselhou-me a pensar em Deus como o pai que eu não tinha mais. Afinal, ele sempre estaria por perto para me guiar, proteger e consolar. Adormeci outra vez, segurando a mão de minha mãe. Porém, no sonho, era o próprio Deus que me acalentava. Um sussurro doce cruzou as fronteiras da consciência e fixou-se em minha mente: *Cresça, João Jorge, e prepare-se. Eu tenho um plano para você.*

Cresci sob os rigorosos preceitos da fé luterana. Aprendi o ofício de carpinteiro com os artesãos da colônia alemã de São Leopoldo e servi à Guarda Nacional em Porto Alegre, no início da Guerra do Paraguai. As noites de campanha foram terríveis. Frio, lama e olhos à espreita na escuridão. Enfrentei a tudo com bravura, pois Deus me queria guerreiro. Foi o que o capelão do quartel me disse quando lhe perguntei se não estávamos todos nos condenando ao inferno por matar outros homens. A partir de então, cada vez que um inimigo tombava sob a minha mira, o orgulho me dominava. Eu era um instrumento divino.

De volta à colônia, em 1866, consegui um trabalho temporário na carpintaria de Pedro Mentz. Lá conheci Jacobina, sua irmã. Uma moça loura de profundos olhos azuis que, vez por outra, olhavam

sem nada ver. Embora fosse alta e bonita, tinha a aparência frágil de quem vive adoentada. De fato, soube depois que ela sofria de desmaios frequentes seguidos de estranhas crises de histeria, eventos que a acompanhavam desde a infância. Por esse motivo, ainda não arranjava um marido.

Jacobina, em seu alheamento, parecia flutuar acima da realidade. Sua presença onírica me atormentava. Trazia-nos o almoço todos os dias e, durante essas breves visitas, eu me surpreendia acompanhando-a com o olhar. Não demorou para que eu fosse flagrado em meu interesse. Para minha surpresa, ao invés de repreender-me, Pedro perguntou se eu não queria desposá-la. De início, achei que ele estivesse brincando. Ele me explicou, então, que o Doutor Hillebrand, médico da família, recomendara-lhes o casamento como forma efetiva de controlar os ataques de Jacobina. Confuso, prometi pensar a respeito e fui para minha casa.

No meio da noite, uma claridade fulgurante inundou o quarto e eu me vi na presença de Deus. Ele estava sentado no chão com as pernas cruzadas e a face voltada para cima. A luz se projetava em um fecho que saía do seu rosto resplendente e subia em direção ao teto. Uma figura escura ascendeu no raio luminoso, como se brotasse da própria essência divina. O vulto foi tomando forma até revelar o contorno de um corpo feminino. Mesmo ofuscado pela luminosidade, reconheci Jacobina Mentz. Casamos naquele mesmo ano.

Durante algum tempo, conseguimos levar uma vida normal. Porém, quando nosso primeiro filho nasceu, os ataques de Jacobina retornaram ainda mais intensos. Ela passava horas imóvel e não respondia a nenhum estímulo externo, como se o seu espírito estivesse ausente do corpo. Os sintomas mostraram-se incompreensíveis até mesmo para o Doutor Hillebrand, que esgotou, em vão, seus recursos terapêuticos. As pessoas da cidade nos deram as costas e começaram a tecer comentários em voz baixa pelas ruas. Questionavam minha capacidade para conduzir a família, a vocação

materna de Jacobina, e até mesmo a possibilidade do seu mal se estender aos nossos filhos. Logo, a situação ficou insustentável.

Imitando a Sagrada Família, deixamos Hamburgerberg e fomos para os confins de São Leopoldo reconstruir as nossas vidas. O lugar escolhido chamava-se Leonerhoff, um vilarejo ermo e de difícil acesso encravado nos contrafortes negros do Morro do Ferrabraz. Ali, a mata cerrada estava quase sempre envolta em uma névoa rala e persistente, o que conferia um aspecto fantasmagórico à região. Por outro lado, concedia-nos também a privacidade necessária à condição de minha amada Jacobina.

A adaptação, porém, não foi fácil. Isolado do restante da colônia, o povoado era formado por colonos pobres acostumados a sobreviver do próprio suor. Nesse contexto, poucas pessoas dispunham de dinheiro para encomendar móveis e minhas habilidades de marceneiro mostraram-se inúteis para garantir o nosso sustento. Concluída a construção de nossa casa, vi-me forçado a abandonar a oficina e trabalhar na lavoura para alimentar a família, que crescia.

Ao arar a terra, enrijei os músculos e calejei a alma. Descobri que os dias são mais longos sob o Sol. Várias vezes pensei ter me afastado por inteiro do plano que Deus designara. No entanto, trabalhando em um dia de calor insuportável, tive uma epifania. Em um lampejo, vislumbrei a minha vida por uma perspectiva inédita e, pela primeira vez, ela fazia sentido: os ensinamentos bíblicos da infância; o planejamento e a paciência aperfeiçoados através da prática da carpintaria; a tática, a disciplina e a bravura despertadas pelo serviço militar; a mudança súbita de ares; o corpo embrutecido pelo trabalho no campo. Eu estava sendo *treinado*, embora não soubesse o que Deus reservava para mim, tampouco qual seria o meu próximo passo. Com a mente atribulada, abandonei o arado e corri para casa. Precisava falar com Jacobina, pois a visão que tive em Hamburgerberg sugeria que ela também tinha um papel nessa história.

Na primeira curva do caminho, choquei-me com um velhote apressado que vinha no sentido oposto, derrubando-o. Seu embornal abriu-se, espalhando o conteúdo pelo chão. Eram pequenos maços de ervas diversas, atados com barbante. Tratei de pedir desculpas e estendi a mão para ajudá-lo a se levantar. Ele abriu um sorriso franco e apresentou-se como Ludwig Buchhorn, curandeiro, de passagem pelas cercanias. Recebi esse encontro fortuito como um sinal celeste e, como já era tarde, convenci-o a pernoitar em minha casa.

Buchhorn era um homem justo e agradável, que tencionava fazer o bem. Persuadi-lo a me ensinar o que sabia sobre a cura através das plantas foi bem simples. Passamos semanas percorrendo juntos as picadas do Ferrabraz em busca de plantas medicinais para elaborar emplastros e infusões terapêuticas. Depois, explicou-me em detalhes quando e como ministrá-las. Minha sede de conhecimento parecia não ter fim.

Naquela parte carente da colônia, médicos eram raros e caros. Por isso, minhas novas habilidades foram muito bem recebidas. Além dos doentes de Leonerhoff, moradores dos povoados vizinhos vinham tratar-se comigo. Chamavam-me *Der Wunderdoktor*, o Doutor Maravilhoso. Minha casa logo se encheu de enfermos, convertendo-se em uma espécie de hospital. Jacobina, de início, assistia-me nas curas. Porém, não tardou a apiedar-se dos que esperavam, às vezes por horas, a sua vez. Para entretê-los, passou a ler a Bíblia e orar com eles. Confortava os aflitos proclamando as maravilhas do Reino de Deus. Pode-se dizer que eu curava o corpo, e ela, a alma. Nosso destino, no entanto, era ir além.

Os ataques de Jacobina aumentaram de frequência e adquiriram uma nova característica. Durante seus transe letárgicos, nos quais entrava após uma série de convulsões pavorosas, ela agora interpretava os textos bíblicos, aconselhava e fazia até profecias. O impressionante é que, apesar da voz baixa e distante, ela o fazia de modo claro e coerente, e não no balbúcio hermético dos

sonâmbulos. Ao despertar, não se recordava de nada do que tinha dito ou feito. Proclamaram-na santa, e a situação fugiu do controle.

Pessoas acorriam de vários lugares para testemunhar os milagres de Jacobina e acompanhar as suas pregações, e eu mal tinha condições de abrigá-los e curá-los. Graças a Deus, surgiram voluntários que nos ajudavam no que fosse possível e recebíamos víveres e cobertores em doação. Em um gesto nobre, chegaram a construir uma casa maior ao lado da nossa para que recebêssemos mais gente. Ao mesmo tempo, começávamos a incomodar os moralistas da colônia, que nos enxergavam como uma espécie de seita. Então algo inesperado aconteceu.

Era tarde da noite, meus filhos dormiam e nós conversávamos com cinco peregrinos que haviam acabado de chegar de Porto Alegre. Estávamos na casa velha, o que nos dava um pouco de privacidade, pois havíamos transferido os doentes para o novo galpão. Jacobina, entrando em transe profundo, disse que Deus queria que fôssemos ao Ferrabraz testemunhar a sua glória. Estranhei o teor da mensagem, mas deixei que ela nos conduzisse para o meio da mata, entrando por uma trilha precária. Nos arrastamos no escuro até chegarmos a uma clareira bastante afastada da casa. Eu estava exausto e com a pele coberta de arranhões. Jacobina, ao contrário, estava ilesa e respirava com suavidade, apesar de ter voltado a si. No céu, uma tempestade se formava. Ventava muito e eu podia ver os relâmpagos que fulguravam por trás da densa camada de nuvens. Súbito, um raio rasgou as nuvens e atingiu a extremidade oposta do descampado. A energia não se dissipou. Ao invés, acumulou-se em uma esfera luminosa que zumbia e pulsava. Em seu centro, divisei o Rosto Resplendente. Sua voz profunda irrompeu nítida em meio aos trovões: *É chegado o tempo da glória, meus filhos! O Sétimo Selo foi quebrado e os anjos preparam-se para o Armageddon. Não tenham medo, pois só há uma porta de entrada para o Éden. Quero que vocês sejam as minhas testemunhas e conduzam o meu rebanho*

para o Sacrifício Final. Dizendo isso, a esfera desfez-se em um clarão que nos ofuscou, e uma série de raios desceu sobre nós.

O que se sucedeu em seguida durou apenas alguns instantes. As imagens, porém, ainda reverberaram em minha mente, lentas, em tons de preto e branco. Estraçalhados pelos raios, os peregrinos tombaram à nossa volta. Seus corpos fumegantes em agonia revelavam o teor da Ira de Deus. O calor explodira-lhes os olhos para fora das órbitas, mas o terror ficara estampado em seus semblantes. Havia sangue inocente se espalhando pela relva. Mesmo tremendo, abracei Jacobina, que soluçava. O Plano de Deus fora, enfim, revelado. O mundo era uma espécie de prisão, da qual a única saída era a morte. A nós, cabia conduzir as ovelhas para o matadouro, salvando quantas almas fossem possíveis. Pensei em nossos cinco filhos, que deixáramos em casa, e chorei também. Estava tão prostrado que não notei as sombras que se acercavam de nós.

Voltei a mim quando um grupo de desconhecidos emergiu da mata. Tinham a aparência sombria e a pele avermelhada de quem se expõe ao sol em demasia, embora nas roupas não se diferenciassem dos colonos alemães. *Não precisa ser assim!* – o mais alto deles falou. Ele tinha olhos dourados. Seu nome era Belial, o braço direito de Satã, e ele nos fez uma oferta. Uma aliança desesperada entre homens e demônios para impedir a conclusão do Apocalipse. Nós lutávamos por nossas vidas. Eles, para não serem confinados para sempre na Escuridão Eterna.

A verdade é que as hostes do Inferno eram compostas por anjos caídos em tempos ancestrais, e seres da mesma casta estavam proibidos de lutar. Belial explicou-nos que os demônios não poderiam enfrentar os anjos em combate direto antes da chegada da Última Hora, quando as leis que regem o Universo deixariam de existir. Mas a humanidade podia, porque recebera de Deus a dádiva do livre-arbítrio. Era pouco provável que tivéssemos qualquer sucesso nisso, devido aos poderes que os celestiais detinham no

plano terreno. No entanto, os demônios engendraram um plano, tão funesto quanto brilhante, para nos ajudar. Se lutássemos sozinhos, seríamos ambos destruídos. Juntos, tínhamos ao menos uma chance de salvar o mundo da destruição. Jacobina e eu aceitamos a aliança, mesmo sabendo que os Portões do Éden jamais se abririam para nós. Sacrificamos o Paraíso sem nenhuma garantia, apenas pela possibilidade de dar aos nossos filhos a chance de viver.

Recebemos Belial em nossa casa, apresentando-o como sendo Johann Georg Klein, um cunhado de Jacobina que viera da Alemanha para ser professor no Brasil. Klein dizia-se luterano e tinha o dom da palavra. Logrou até dar aulas em uma pequena escola na Picada 43. Quando se juntou ao grupo que frequentava nossa casa, todos se impressionaram com a sua cultura e inteligência. Os outros demônios se misturaram à multidão que ia e vinha. O movimento crescia. Os *mucker*, era como os moralistas nos chamavam.

A partir desse momento, a agitação em torno de Jacobina adquiriu ar de fanatismo. Suas profecias sobre o Fim dos Tempos incutiam nas pessoas o desejo de salvação. E ela assumiu, de bom grado, o papel de redentora. No dia da Assunção, vestira-se com uma túnica branca e deixara-se coroar com flores na presença de quase quinhentas pessoas, que a proclamaram como o Cristo. Por fim, nomeou doze apóstolos, homens rudes e leais que a seguiriam até a morte. Entre eles estavam Klein e eu.

Ao anoitecer, eu guiava os homens para o coração do Ferrabraz. Lá, na mesma clareira em que o Plano de Deus se revelara, os demônios nos ensinavam a trabalhar o ferro e nos orientavam na construção de uma grande máquina. A fumaça e os clarões dos trabalhos noturnos podiam ser avistados da cidade e, logo, arranjamos nossos primeiros inimigos. O Pastor Boeber, de Leonerhoff, entregou ao delegado de São Leopoldo um abaixo-assinado, assinado por cerca de quarenta e quatro colonos, pedindo a nossa prisão. As pessoas que eram vistas em nossa companhia começaram a ser hostilizados na cidade, então Jacobina mandou

que tirassem as crianças da escola e parassem de ir à igreja, festas, jogos e bailes.

Nesse mesmo dia, nossa máquina ficou pronta, e eu quis testá-la. Ela tinha a altura de dois homens e a largura de uma parelha de bois. Sua base era uma grande caldeira, que fornecia a energia necessária ao funcionamento do engenho. Vapor, me explicara Klein, o mesmo combustível dos trens que o Imperador mandara construir no Rio de Janeiro. Para mantê-la em funcionamento, precisávamos abastecê-la com carvão a intervalos regulares. Acima dela, havia quatro aros de ferro concêntricos, que formavam uma espécie de gaiola com a altura de um homem. Esses anéis estavam ligados a um eixo central por um complicado sistema de rodas dentadas, de tamanhos variados. No topo, os anéis se ligavam a uma armação metálica onde havia um cone de vidro com serpentina de metal por dentro. Tubos externos ligava a caldeira ao cone e um mastro de ferro completava o conjunto. Na parte de trás, quatro cilindros metálicos com pistões transmitiam movimento às rodas dentadas do eixo dos anéis. Nunca soube de onde vieram os materiais usados na construção, pois isso ficara sob a responsabilidade dos nossos aliados. Consegui-los, no entanto, não pareceu ser uma questão complicada para eles.

Com a caldeira a todo vapor, Klein puxou uma alavanca e os anéis metálicos começaram a girar em torno do eixo. Cada um no seu próprio ritmo, acelerando até atingir uma velocidade vertiginosa. Eu podia sentir o ar vibrando com o vórtice criado pela máquina. O cone de vidro encheu-se de água fervente, que borbulhava e descia pela serpentina de volta à caldeira.

A pele dos demônios, excetuando-se Klein, escureceu até ficar negra como a noite, e eles perderam o contorno. Transfigurados em vultos, eles abriram suas asas e ondularam em direção ao céu, desaparecendo por entre as nuvens. Instantes depois, um relâmpago iluminou o céu. Um raio solitário desprendeuse das nuvens acertando em cheio o mastro da máquina, que estancou com

um tranco, soltando vapor para todos os lados. O clarão e o vapor me ofuscaram, por alguns instantes. Quando meus olhos se recuperaram, divisei um espectro branco preso na gaiola metálica. Cheguei perto. Mesmo paralisada, a figura fantasmagórica tinha um aspecto majestoso. Era transparente, etérea e possuía uma estranha luminescência interior que não deixava a vista se firmar. Suas asas eram maiores do que eu imaginava. Seu olhar era furioso, porém nada podia fazer. Klein sussurrou em meu ouvido. *Você sabe o que tem que fazer, afinal, foi para isso que eu o treinei.* O livre-arbítrio, essa era a chave. Enfiei a minha mão no peito do anjo. Um pequeno globo de luz azulado materializou-se em minha palma. Anjos não têm coração. Tampouco possuem alma. Aquela era a sua essência, a energia divina que o conjurara. Agarrei-a com força e a arranquei de dentro dele, provocando um grito pavoroso que ecoou pela mata, fazendo com que todos tampassem os ouvidos. O anjo destruído desbotou até sumir e o globo se desfez em minha mão. Nossa máquina funcionava!

No dia seguinte, pela manhã, a polícia invadiu a minha casa para prender Jacobina e eu. Fomos levados a São Leopoldo para interrogatório. Porém, não conseguiram obter provas contra nós. Libertaram-nos quase um mês depois. Ao retornar ao Ferrabraz, fomos recebidos como heróis pelos *muckers*. A animosidade, antes velada, se intensificara. A tensão era agora sensível em toda a cidade.

Durante a nossa ausência, Klein cuidara de tudo e de todos. Conseguira, inclusive, construir mais quatro máquinas na clareira. Alertou-me, porém, de que os anjos estavam inflamando a ira de nossos inimigos e logo ele teria que apelar para a força, a fim de nos proteger.

De fato, a violência estourou. Os colonos incendiaram a casa de um *ex-mucker*, matando sua esposa e seus filhos, e colocaram a culpa em nós. O próprio Klein foi preso. Dias depois, catorze colonos que eram nossos inimigos declarados também tiveram suas casas

incendiadas. A represália foi violenta e deflagrou uma guerra civil. Colonos e diversos *mucker* morreram. O exército precisou intervir. Os *mucker* deixaram suas casas e se abrigaram em minha propriedade para organizar uma resistência. Auxiliados pelos demônios, conseguimos rechaçar a primeira ofensiva do exército com poucas perdas. Reforços chegaram e nossa casa foi incendiada. Consegui fugir, me escondendo com Jacobina e um pequeno grupo de seguidores na clareira, junto às máquinas. Resistimos por quase um mês, atacando os acampamentos do exército e voltando ao nosso esconderijo. Aproveitávamos as noites para matar a maior quantidade de anjos que podíamos. Até um dos nossos nos traiu, guiando o exército à nossa clareira.

Avisado da aproximação das tropas, fugi. Vim para o Rio de Janeiro, contar a D. Pedro II sobre a conspiração dos anjos e pedir o seu apoio para a construção de novas máquinas. Avistei a fumaça de um grande incêndio no Ferrabraz. Os colonos destruíram tudo. Jacobina deve estar morta. Ela não quis abandonar os seus fiéis. Não sei o que foi feito dos meus filhos, tampouco onde está Klein. Posso falar com o Imperador, agora?

::::

O alienista nada responde. Em silêncio, escreve o seu veredito na ficha do pobre homem.

Nome: João Jorge Maurer.

Diagnóstico: Insanidade incurável.

Conduta: reclusão por tempo indefinido.

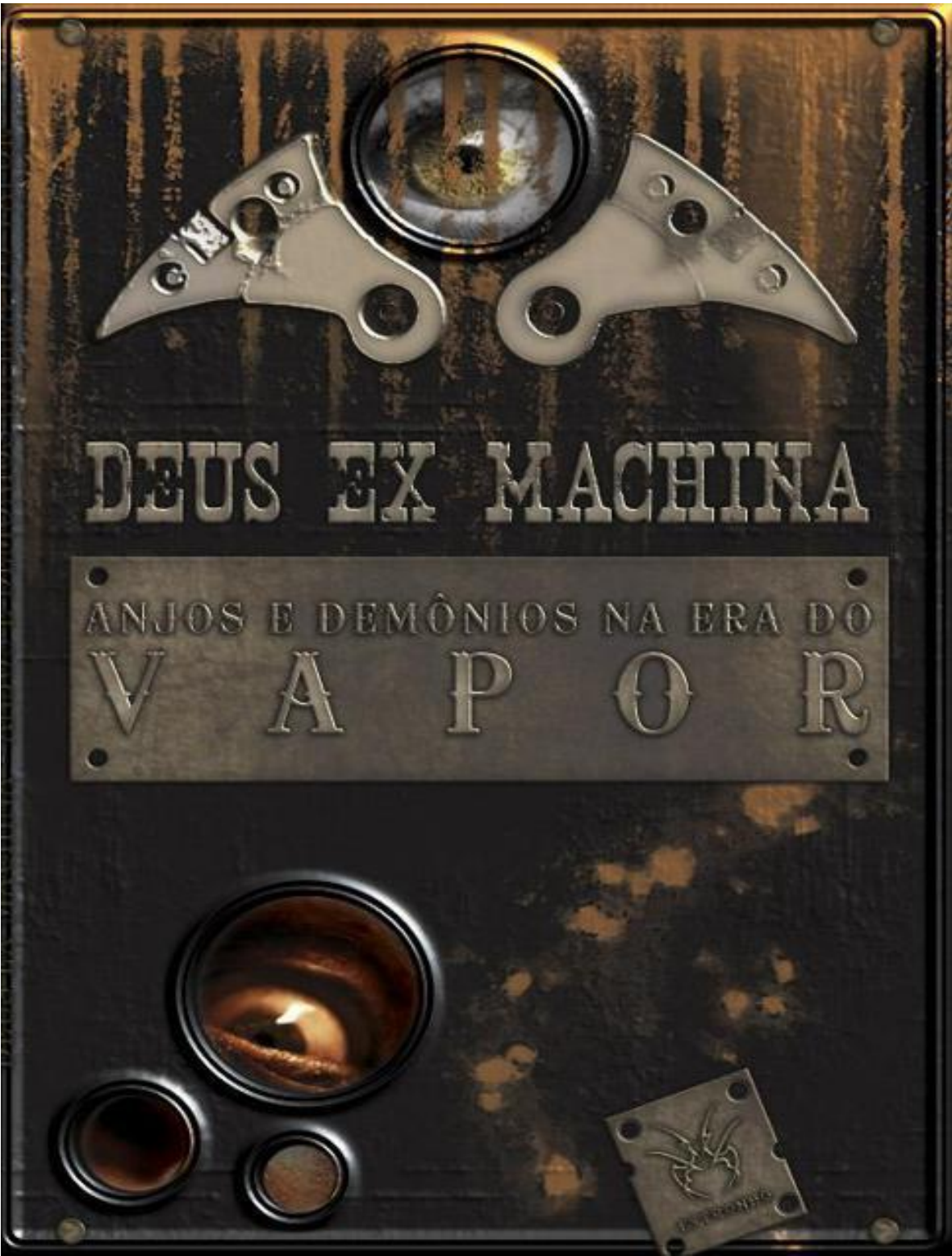
– Doutor, você precisa acreditar em mim! Está para acontecer, doutor! O fim do mundo!

O médico deixa a cela, fechando a porta atrás de si. Precisa chegar logo em casa, pois uma tempestade terrível se aproxima. Pela janela, ele pode ver as nuvens cinza-chumbo e os relâmpagos. Em meio aos trovões, uma trombeta parece soar.

A voz de Maurer ecoa pelo corredor, desesperada:

– Você ouviu isso, Doutor? Ainda dá tempo! Os anjos tocarão sete trombetas antes da Última Hora chegar. Deixe-me sair daqui, doutor, eu posso reconstruir as máquinas! Doutor? Doutooooor!

Paulo Fodra nasceu e vive em São Paulo. Formou-se arquiteto, mas trabalha com marketing e branding. É também músico, membro da banda Chevy 69, arqueiro e leitor compulsivo. Viciado na agitação da metrópole, escreve para se livrar das vozes que moram em sua cabeça. Mantém o twitter @paulofodra e divulga seus contos fantásticos no site www.paulofodra.com.br.



DEUS EX MACHINA

ANJOS E DEMÔNIOS NA ERA DO
VAPOUR



DEUS EX MACHINA - ANJOS E DEMÔNIOS NA ERA DO VAPOR

[eBook e papel]

Antologia Steampunk

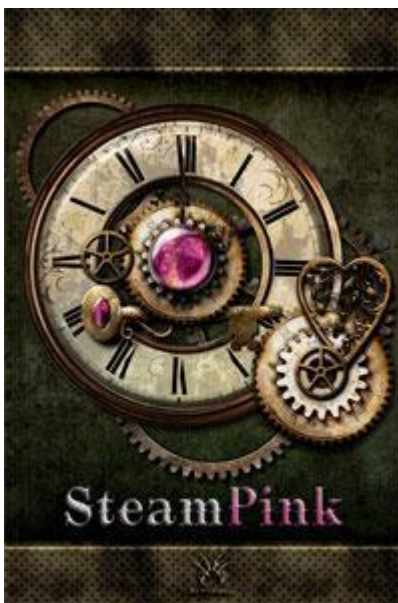
Vários autores

Os calendários são simplesmente ignorados por aqueles que combatem pelo bem ou pelo mal, numa guerra sem vencedores. As grandes batalhas distribuem louros entre os dois lados, em uma dança milimétrica da balança. Mas esse equilíbrio esteve ameaçado em uma época em que a elegância do vestuário das senhoras e cavalheiros convivia, não sem uma ponta de contradição, com o peso e a estranheza dos acessórios e equipamentos utilizados por uma civilização que começava a descobrir as maravilhas da tecnologia.

Anjos e demônios escolheram aquele tempo, utilizando-se de todos os artifícios armamentos e equipamentos possíveis, e encenaram algumas das mais terríveis batalhas de que a humanidade já presenciou. De conflitos e duelos isolados a confrontos sangrentos entre os exércitos das trevas e da luz.

Mais informações em www.estronho.com.br/deusex

Leia Também...



STEAMPINK

[eBook e papel]

Antologia de contos Steampunk

Várias autoras

Uma antologia steampunk escrita e organizada sob o olhar feminino.

Máquinas voadoras, robôs, viagens no tempo e muito vapor misturado a vampiras, corvos, poetas, amazonas e até uma versão vaporizada de um clássico conto de fadas.

Com prefácio de Romeu Martins, Comendador da Ordem da Caldeira pelo Conselho Steampunk do Brasil, Steampink apresenta treze contos... treze oportunidades para que você viaje no tempo e se divirta ao som dessas engrenagens muito bem cuidadas por nossas talentosas e elegantes autoras.

Mais informações em <http://www.estronho.com.br/steampink>



HISTÓRIA FANTÁSTICA DO BRASIL

[eBook e papel]

História Alternativa

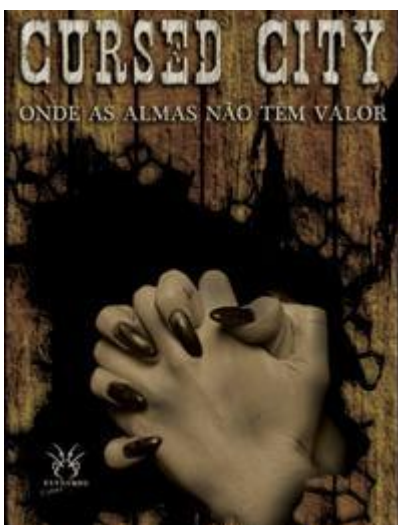
Vários autores

Organização de Marcelo Amado

Que tal se pudéssemos voltar no tempo e apimentar um pouco mais a história do nosso país? E se povoássemos as linhas de nossos livros didáticos, com lobisomens, vampiros, fantasmas, feras e criaturas vindas das florestas e dos cantos mais obscuros do Brasil?

A Editora Estronho convida você a ler essas saudáveis insanidades, misturá-las com a nossa história e brincar com nosso passado. E para começar nossos estudos, vamos dar uma volta pela Guerra dos Farrapos e Inconfidência Mineira (em breve também a Guerra do Paraguai).

Mais informações em www.estronho.com.br/hfb



CURSED CITY - ONDE AS ALMAS NÃO TÊM VALOR

[eBook e Papel]

Diversos autores

Antologia de contos weird western

Cursed City é uma velha cidade do oeste, que como outra qualquer, convive com os mais diversos problemas, como arruaceiros perturbando a ordem, pistoleiros cruéis, prostituição, jogatina e todo tipo de bandido em fuga para o México. Também é alvo constante de ataques por parte de uma das tribos indígenas mais perigosas de todos os EUA, os Apaches, que sob o comando do chefe Cochise, vez por outra, resolve saquear a cidade.

Mas a população de Cursed City preferia conviver com tudo isso ao mesmo tempo e em todos os dias da semana, do que passar pelas provações dais quais são submetidos em certa noites, que trazem em seu manto surpresas extremamente desagradáveis. Nessas noites, até mesmo os mais valentes homens e os mais terríveis assassinos se escondem em seus buracos imundos, esperando a morte chegar.

Nem mesmo o próprio diabo se permite passear sozinho por aquele pedaço de terra amaldiçoado.

Mais informações em www.estronho.com.br/cursed



FILHAS DAS ESTRELAS

[eBook e Papel]

Contos de Ufologia

Renato A. Azevedo

Eles dizem que agem com absoluta transparência.
Eles dizem que é evidente que não existem conspirações.
Eles afirmam que é absurda a ideia de extraterrestres nos visitando.
Eles estão mentindo!

O contato com alienígenas é um dos temas mais explorados na ficção científica, motivando histórias plenas de fascínio, terror, suspense, ação e mistério. Esses são elementos presentes em *Filhas das Estrelas*, uma coletânea de seis contos inspirados por histórias, teorias e conspirações a respeito de discos voadores e seres extraterrestres.

Mais informações em www.estrinho.com.br/filhas



ESTRONHO

www.editora.estrinho.com.br



Table of Contents

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Caldeira 02: Paulo Fodra - "A seita do Ferrabraz"](#)

[Conheça a antologia "Deus Ex Machina - Anjos e Demônios na Era do Vapor"](#)

[Editora Estronho](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Caldeira 02: Paulo Fodra - "A seita do Ferrabraz"](#)

[Conheça a antologia "Deus Ex Machina - Anjos e Demônios na Era do Vapor"](#)

[Editora Estronho](#)